

## TERRITÓRIO, IDENTIDADE E SOCIABILIDADE: UM ESTUDO SOBRE O CIRCUITO UNIVERSITÁRIO DE LAZER EM TRÊS LAGOAS/MS

Matheus Guimarães Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa em Geografia que teve como objetivo compreender os processos espaciais e territoriais relacionadas ao lazer de estudantes universitários da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus Três Lagoas/MS (UFMS/CPTL). O território e a territorialidade são compreendidos sob a perspectiva simbólico-cultural. Procuramos compreender de que forma as redes de sociabilidade dos estudantes universitários, bem como suas características identitárias se delineiam a partir de suas práticas de lazer. A sociabilidade é abordada sob a noção de pertencimento associada a simbolismos. Em relação à identidade, procuramos compreender os diferentes processos que incidem sobre sua construção. Diante do exposto, debruçamo-nos sobre um grupo social em específico, composto por estudantes universitários da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus Três Lagoas/MS, que tem, nas festas open bar, uma de suas principais opções de lazer. Nesse prisma, analisamos o papel das Associações Atléticas Acadêmicas (A. A. A.'s) como organizadoras dessas festas e sua atuação no estabelecimento de redes de sociabilidade entre os estudantes universitários. Além disso, por meio de questionário aplicado junto aos estudantes universitários, levantamos dados quantitativos em relação à constância com que vão às festas open bar, bem como à prevalência de consumo de bebidas alcoólicas.

**Palavras-Chave:** Festas open bar; álcool; jovens.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de um debate a respeito de práticas de lazer de estudantes universitários na cidade de Três Lagoas/MS. O foco da análise, aqui empreendida, é direcionado à compreensão dos processos e dinâmicas espaciais, e territoriais, relacionados a uma modalidade de lazer em específico, as festas universitárias open bar. Nesse prisma, destacamos o papel exercido por Associações Atléticas Acadêmicas (A. A. A.s), da Universidade Federal de Mato Grosso Sul, câmpus Três Lagoas (UFMS/CPTL), no que se refere à estrutura organizacional das referidas festas open bar, que atualmente se constituem como uma das principais opções de lazer dos jovens estudantes da UFMS/CPTL. À parte disso, analisamos, ainda, o processo de constituição de redes de sociabilidade dos estudantes universitários e sua relação com o lazer, bem como a maneira como objetos providos de simbolismo – principalmente de vestuário – tornam-se intrínsecos à caracterização identitária dos estudantes em questão. Nesse viés, ativemo-nos aos processos de construção identitária dos estudantes, a partir da apropriação e (re)produção do espaço e portanto, sua territorialização.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Tendo como ponto de partida pesquisas bibliográficas, foram elencados os principais conceitos que compõem o construto teórico do presente artigo: Território, sociabilidade e identidade.

<sup>1</sup> Mestre em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, mgl.geopp@gmail.com

A pesquisa bibliográfica é uma etapa de suma importância ao se desenvolver trabalhos científicos, e sua influência incide sobre todas as etapas seguintes da pesquisa, fornecendo o embasamento teórico no qual o trabalho se apoia.

Nesse prisma, Lima (2018, p. 58) destaca que a pesquisa bibliográfica, por meio de leituras e fichamentos pertinentes à compreensão da problemática na qual se insere o objeto de estudo, é uma etapa indispensável que deve anteceder toda pesquisa científica, mesmo que de maneira preliminar.

Além da pesquisa bibliográfica, foram realizadas pesquisas de campo, amplamente utilizadas em pesquisas qualitativas na Geografia. Silveira (1936, p. 72) sustenta que a pesquisa de campo “torna mais apurada a capacidade de observação e ganham os conhecimentos a solidez que só o contato com a realidade objetiva pode dar”. De maneira similar, Lima (2018, p. 18) sustenta que, ao longo do tempo, tem sido amplamente utilizada em pesquisas desenvolvidas nas ciências humanas, pois ela possibilita articulação entre o conhecimento teórico adquirido em sala de aula e o conhecimento prático que somente é adquirido na vivência do campo.

Ao longo das pesquisas de campo, pautamo-nos em uma metodologia, em específico, que é considerada bastante pertinente na tentativa de o pesquisador compreender e vivenciar seu objeto de estudo: a observação participante (TURRA NETO, 2008; LIMA, 2018).

Quanto à observação participante, destacamos que ela fornece artifícios para que o pesquisador se mantenha presente em situações sociais ao realizar investigações científicas. Nesse sentido, o pesquisador, no papel de observador, tem contato com os sujeitos observados, no papel de atores sociais, sendo parte de suas atividades, concomitantemente, observando suas práticas e expressões cotidianas (FOOTE-WHYTE, 1980; MAY, 2004).

Deve ser destacado, entretanto, que a observação participante tem como peculiaridade o fato de não apresentar um conjunto fixo de regras. Dessa maneira, acaba por ser uma metodologia que exige certo grau de improviso em sua aplicação (CICOUREL, 1980; BECKER, 1999, TURRA NETO, 2008; LIMA, 2018).

Diógenes (1999) defende que, ao se utilizar da observação participante, parte-se, sobretudo, da literatura e experiências anteriores de outros autores nas pesquisas qualitativas em ciências humanas. A autora sustenta que há indícios do caminho a ser trilhado ao se utilizar a observação participante, entretanto é durante o tortuoso caminho da pesquisa que cada pesquisador faz suas escolhas e adequações ao que considera mais pertinente, para desvendar os questionamentos que possui (BECKER, 1999; DIÓGENES, 2008; TURRA NETO, 2008, p. 374).

A “abertura para o inusitado no campo e a flexibilidade que não se atém a regras fixas é uma das características marcantes da observação participante” (LIMA, 2018, p. 21). Nesse prisma, Turra Neto (2008, p. 375), baseado em Da Matta (1978), afirma que “se deixar levar pelo contato sensível pode ser, mesmo, o melhor caminho” ao utilizar a observação participante.

À parte da observação participante, realizamos entrevistas a seus moldes, isso é, entrevistas não diretivas e tampouco padronizadas. Essa modalidade de entrevista tem como principal característica o detalhamento de questões e/ou fenômenos, típico de pesquisas qualitativas em ciências humanas. Além disso, a entrevista não diretiva pauta-se em permitir que o entrevistado fale sob o mínimo possível de interferência por parte do entrevistador (COLOGNESE; MELO, 1998, p. 144; LIMA, 2018, p. 24).

Nesse artigo, alguns dados quantitativos resultantes de questionários aplicados são elencamos. Salientamos também que, além de aplicar questionários de maneira tradicional (em forma impressa), utilizamos como instrumento de pesquisa a plataforma GOOGLE Forms®. Nesse sentido, destacamos a possibilidade apresentada pelo GOOGLE Forms®, para que o sujeito questionado responda ao questionário on-line, por meio de um link, sem a presença física do pesquisador/questionador, o que, certamente, agiliza essa etapa da pesquisa.

No processo de elaboração de representações cartográficas utilizamos os softwares Sping® e PhilCarto®. Ressaltamos que esses são softwares de acesso livre e que, em razão de sua eficiência e gratuidade, constituem instrumentos de grande valor na construção do saber geográfico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da história, a instituição do ensino superior ocorreu de maneiras distintas nas Américas Portuguesa e Espanhola. A literatura correlata, sustenta que o desenvolvimento do ensino superior foi prioridade dos espanhóis em seu processo de colonização no continente americano, diferentemente do ocorrido no Brasil, sob domínio português.

Em 1538, a primeira universidade das Américas, a Universidade Autônoma de Santo Domingo, onde hoje é a República Dominicana, foi fundada pelos espanhóis. O processo se expandiu e, logo “se constituiu uma extensa rede de instituições de ensino superior autônomas na América Espanhola” (LIMA, 20018, p. 69), o que demonstra o interesse da Espanha por desenvolver a educação superior em suas colônias (SAVIANI, 2010; SAMPAIO, 1991).

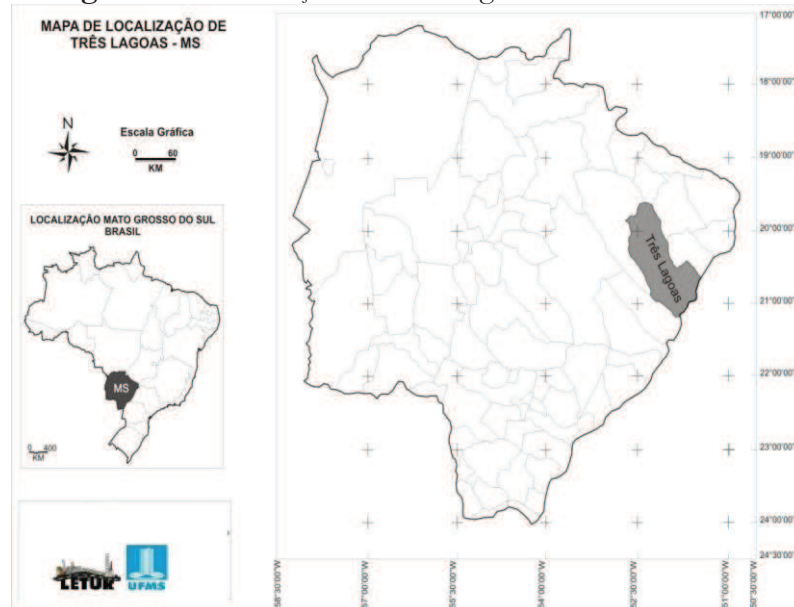
No Brasil, contrastantemente, o ensino superior somente foi instituído mais de 250 anos depois, em 1792, quando da fundação da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, no Rio de Janeiro, que oferecia cursos de engenharia. Décadas depois, em 1808, após a mudança, às pressas, da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, “outras faculdades isoladas surgiram pelo país, porém, uma instituição de caráter universitário só seria criada em 1909, a Universidade de Manaus” (SAMPALIO, 1990, p. 12 apud LIMA, 2018, p. 71).

Durante o século XX, como sustenta Lima (2018), apoiando-se em Saviani (2010) e Sampaio (1991) “as regulamentações do ensino superior no Brasil foram marcadas por movimentos antagônicos que não permitiram seu amplo desenvolvimento”. Dessa forma, “o ensino superior no Brasil avançou de forma demasiadamente lenta e se manteve restrito às classes dominantes da sociedade brasileira durante muito tempo” (LIMA, 2018, p. 25).

A partir da década de 1980, foram fundadas muitas instituições públicas e privadas de ensino superior no país. Paralelamente, houve popularização dos cursos noturnos, e o número de estudantes no ensino superior cresceu consideravelmente (SAVIANI, 2010; SANTOS; CERQUEIRA, 2009, p. 2).

No Mato Grosso do Sul e em Três Lagoas (Figura 1), entretanto, foi a partir da década de 1990, que foram criadas muitas instituições públicas e privadas de ensino superior, estabelecendo uma rede de instituições de ensino superior que se interiorizou, deixando de ser exclusividade da capital Campo Grande (DIAS, 2016; LIMA, 2018).

**Figura 1** – Localização de Três Lagoas e de Mato Grosso do Sul.



Fonte: LIMA, M. G., 2018.

A partir da primeira década do século XXI, políticas públicas nacionais de acesso ao ensino superior foram estabelecidas no Brasil, por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), do Sistema de Seleção Unificada (SiSU) e, ainda, por meio de políticas de cotas raciais e sociais e de financiamento estudantil (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e Programa Universidade para Todos (PROUNI)).

Segundo levantamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), há, no Brasil atualmente, mais de 2.000 instituições de ensino superior (IES), que totalizam cerca de 8 milhões de estudantes (LIMA, 2018).

Não obstante o grande número de estudantes universitários no Brasil, tornou-se um tema debatido em pesquisas de diferentes áreas do conhecimento, dentre eles, estudos a respeito de suas manifestações e práticas de lazer. Dentre os estudos de abrangência nacional já realizados, destacamos o Levantamento Nacional Universitário sobre Drogas (2010), que aponta que, entre os estudantes universitários brasileiros, as práticas de lazer têm sido muito relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas e a festas open bar (COUTRIM; CARIOCA; DOLCI, 2009).

As festas open bar recebem esse nome porque o sujeito que adquirir o convite da festa – geralmente uma pulseira (Figura 2) – tem direito a beber o quanto quiser das bebidas disponíveis, ou seja, o “bar está aberto”.

**Figura 2** – Pulseira/convite de festa open bar.



Fonte: LIMA, M. G., 2018.

Segundo dados do Levantamento Nacional Universitário sobre Drogas (2010), ao qual responderam estudantes universitários de 27 capitais do país, no período compreendido pelos 30 dias anteriores à pesquisa, o índice de consumo de bebidas alcoólicas foi de 66% entre os homens e de 55% entre as mulheres.

Ao se considerarem os doze meses anteriores à pesquisa, 72% dos universitários em âmbito geral, independente do sexo, consumiram bebida alcoólica ao menos uma vez, o que representa mais de dois terços do total de estudantes questionados.

### **Associações Atléticas Acadêmicas (A. A. A.s), Baterias e festas open bar**

Geralmente, as festas universitárias open bar são organizadas pelas Associações Atléticas Acadêmicas (A. A. A.s). As A. A. A.s surgiram na década de 1930, a partir da criação de federações de esportes universitários, como a Federação Atlética de Estudantes (FAE), no Rio de Janeiro, e a Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE), em São Paulo.

Não há dados quanto ao número total de A. A. A.s atualmente no Brasil, entretanto observações realizadas ao longo da pesquisa demonstram que as A. A. A.s estão estabelecidas nacionalmente. Embora promovam o lazer por meio de práticas esportivas, as A. A. A.s, na atualidade, têm sua imagem muito associada ao lazer por meio da realização de eventos e festas open bar e, por vezes, tornam-se figuras centrais na vida cotidiana de alguns estudantes (LIMA, 2018).

As A. A. A.s, geralmente, mantêm equipes de diferentes modalidades esportivas que disputam torneios. À parte disso, muitas A. A. A.s mantêm uma ala musical de instrumentos de percussão, que se convencionou chamar de “bateria” (Figura 3). As baterias têm como principal função “animar” os jogos das equipes, porém, além disso, participam de competições específicas de baterias, competições que têm o nome de “desafios” (LIMA, 2018, p. 74).



**Figura 3 – Bateria universitária.**



Fonte: LIMA, M. G., 2018.

Na atualidade, quase todas instituições de ensino superior brasileiras possuem uma A. A. A. que “representa todos os alunos de diferentes cursos”, ou “A. A. A.s que representam cada qual seu curso específico”, sendo vinculadas a uma ou mais ligas universitárias de esportes (LIMA, 2018, p. 75).

As ligas universitárias de esportes são responsáveis pela organização de eventos chamados de “jogos”, que duram, geralmente, um fim de semana e/ou feriado prolongado. Quanto à composição das ligas universitárias de esportes, elas congregam A. A. A.s que não pertencem, necessariamente, ao mesmo estado, tampouco à mesma universidade. Em geral, “as composições são bastante flexíveis, o que favorece práticas de sociabilidade entre estudantes de diferentes universidades e diferentes estados durante os eventos” (LIMA, 2018, p. 76).

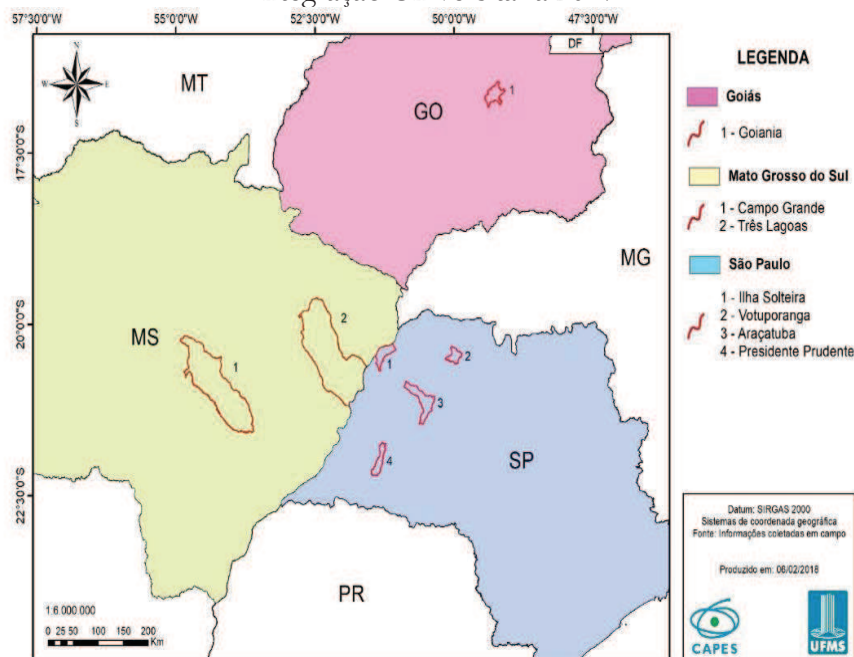
Existem ligas que são compostas somente por A. A. A.s que representam diferentes campi da mesma universidade, como, por exemplo, a liga do evento “InterUnesp”, evento que ocorre desde 2001, e que reúne somente as A. A. A.s dos diferentes campi da Universidade Estadual Paulista – UNESP (LIMA, 2018, p. 46). Além disso, o InterUnesp é um evento itinerante, realizado cada ano em uma cidade diferente, que é escolhida após um criterioso processo, no qual são analisados vários aspectos, em especial, a qualidade dos equipamentos esportivos que vão receber as competições de diferentes modalidades esportivas.

Por outro lado, existem ligas que são compostas por A. A. A.s que representam diferentes instituições de ensino superior públicas e privadas, sem se ater a limites estaduais. “Nesse sentido, tomemos como exemplo o evento “Integração Universitária”, que é realizado pela A. A. A. da UNESP de Ilha Solteira” e que, em 2017, reuniu estudantes de A. A. A.s de instituições de ensino superior de outras seis cidades e de três estados diferentes (LIMA, 2018, p. 77).

O evento Integração Universitária 2017 foi composto por A. A. A.s das seguintes universidades/faculdades (além da A. A. A. da UNESP de Ilha Solteira): UNESP Araçatuba/SP; Universidade Toledo - Presidente Prudente/SP; UFMS – Campo Grande/MS; UFMS – Três Lagoas/MS; UFG – Goiânia/GO; PUC – Goiânia/GO e Centro Universitário de Votuporanga –

Votuporanga/SP. Na figura 4, temos a representação cartográfica da localização das cidades das instituições de ensino superior, cujas A. A. A.s participaram do evento Integração Universitária 2017.

**Figura 4** – Cidades das instituições de ensino superior, cujas A. A. A.s participaram do evento Integração Universitária 2017.



Fonte: LIMA, M. G., 2018.

Durante os jogos, além de competições esportivas, que ocorrem durante o dia, durante a noite, ocorrem festas open bar, que se apresentam como terreno fértil para a sociabilização entre os estudantes participantes, bem como para o exercício de sua territorialidade.

A esse tipo de sociabilidade, damos o nome de “integração”, que de acordo com Lima (2018, p. 77):

É o termo utilizado por estudantes universitários para designar a forma de sociabilização que se baseia no ato de interagir com estudantes universitários de outros cursos, campi ou universidades, em um ambiente festivo de lazer, geralmente associado à festas open bar e competições esportivas, onde se estabelecem relações de conhecimento mútuo e amizade entre sujeitos que compartilham da condição de estudantes universitários em busca de diversão.

Nesse prisma, Turra Neto (2008) destaca a relevância dos “impulsos e propósitos” vinculados a práticas de sociabilidade entre os sujeitos jovens, sendo essas práticas “a base das sociedades humanas”, de acordo com o referido autor.

O conceito de sociabilidade tem estado presente, constantemente, no âmbito dos debates sobre as territorialidades juvenis na atualidade, tendo como ponto de partida a noção de que a construção de redes de sociabilidade compreende dinâmicas múltiplas e que os sujeitos jovens valorizam muito o seu tempo livre e o lazer (PAIS, 2003; CARRANO, 2002, 2003; DAYRELL, 2005).

O surgimento de laços de amizade e coleguismo, prática que torna o homem um ser social, é favorecido pela emersão de territórios, que têm origem em processos de apropriação do espaço aliados à construção identitária e cultural dos sujeitos (DAYRELL, 2005; TURRA NETO, 2008; SIMMEL, 1983).

Esse convívio social, sua necessidade e sua capacidade recebem o nome de sociabilidade, sob argumentação teórica de Simmel (1983).

Dessa forma, a sociabilidade é a materialização da interação de um sujeito com outros sujeitos, de forma “pura e espontânea”, “baseando-se na interação propriamente dita, que seria, metaforicamente, uma interação na qual a chama da relação reside no interesse em comum dos sujeitos de manter contato entre si” (TURRA NETO, 2008, p. 234; LIMA, 2018, p. 42).

Atendo-nos ao exposto, compreendemos a sociabilidade como o instinto humano que desperta o interesse pela interação e pelo estabelecimento de relações que se “fazem e desfazem sob novas perspectivas e que surgem a partir de objetivos comuns” (LIMA, 2018, p. 42).

Ao longo do ano, as A. A. A.s promovem festas e eventos com intuito de angariar fundos “para financiar despesas com treinamentos” das equipes e “viagens para competições” (LIMA, 2018, p. 77). Em algumas situações, o preparo das equipes esportivas é profissionalizado, com contratação de treinadores, fisioterapeutas e comissões técnicas (LIMA, 2018).

Nesse prisma, Malagutti (2014, p. 3) afirma que, “os jogos organizados pelas A. A. As são realizados em conjunto com grandes festas “open bar”, organizadas por empresas particulares especializadas nesse tipo de evento”, com a participação de atrações musicais de renome nacional, sendo “a venda de convites uma importante renda para as A. A. A.s, além das tradicionais vendas de produtos (canecas, camisas, chaveiros, etc.) e a organização de eventos culturais” (MALAGUTTI, 2014, p. 3).

Devemos destacar que há uma diferenciação entre eventos de diferentes ligas, tanto no que tange ao aspecto de excelência esportiva, quanto às atrações artísticas.

Como destaca Lima (2018, p. 79):

O evento Integração Universitária é um evento cujas competições esportivas não possuem nível de excelência, diferentemente das competições do evento InterUNESP, em que as disputas são acirradas e há rivalidade entre as diferentes A. A. A.s, principalmente entre a A. A. A. da UNESP de Bauru e a A. A. A. da UNESP de Presidente Prudente (...) no InterUNESP, os títulos de cada modalidade esportiva são, avidamente, disputados, e os ginásios e os estádios ficam lotados, principalmente nas finais de futebol, futsal e basquete. Assim, observa-se que essa identificação dos sujeitos relacionada à rivalidade entre os diferentes campi, é similar à de torcidas de times de futebol. Salientamos, ainda, o papel das baterias no apoio que prestam às equipes durante os jogos. Outra diferença, entre eventos universitários de uma liga e outra, é quanto às atrações musicais. O InterUNESP, que é um evento que em 2017 realizou sua 17ª edição e que conta com uma sólida estrutura financeira, apresenta artistas de renome e sucesso nacional, ao passo que os eventos menores, como a Integração Universitária, apresentam artistas mais modestos e menos conceituados, cujos cachês são menores e mais adequados ao orçamento.

Nos últimos anos, tem-se notado frequentemente que, “os meios midiáticos levantam a hipótese de que esse tipo de festa incentiva o consumo de bebidas alcoólicas, entretanto essa hipótese só poderia ser confirmada com embasamento em dados que pudessem de fato confirmá-la” (LIMA, 2018, p. 77).

De qualquer maneira, “podemos afirmar que, atualmente, há uma grande prevalência desse tipo de festa no âmbito do lazer universitário” e que “em Três Lagoas/MS, as festas open bar constituem-se como uma das principais opções de lazer entre os estudantes universitários” (LIMA, 2018, p. 78).



## Circuito universitário de lazer em Três Lagoas/MS

Em Três Lagoas, os valores dos convites das festas open bar universitárias, geralmente, variam entre R\$ 25,00 e R\$ 30,00, em valores de primeiro lote. Posteriormente, são disponibilizados novos lotes de convites com valores que crescem gradualmente (LIMA, 2018, p. 80). Na UFMS/CPTL, além de uma A. A. A. que representa o câmpus como um todo, há outras A. A. A.s que representam cada qual seu curso. Dentre as A. A. A.s que mais constantemente organizam eventos e festas, destacamos as seguintes (Tabela 1):

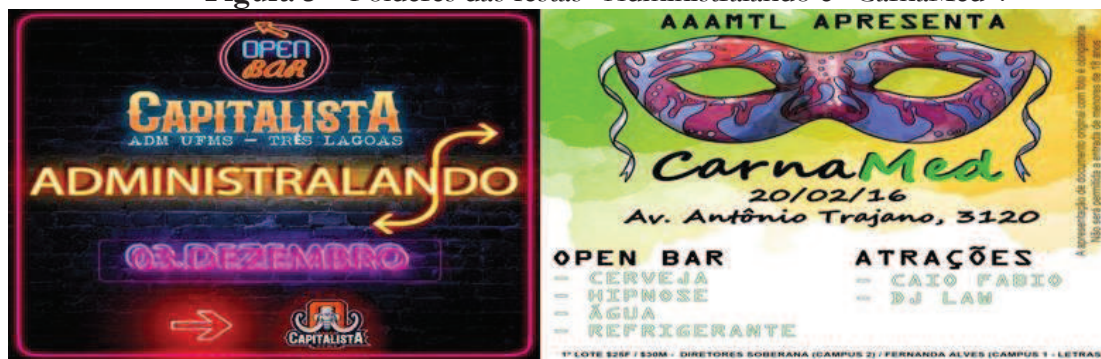
**Tabela 1** – A. A. A.s da UFMS/CPTL que mais organizam festas e eventos

A. A. A.	Curso	Nome popular da A. A. A.
Associação Atlética Acadêmica	Medicina	Atlética Soberana
Associação Atlética Acadêmica	Engenharia de Produção	Atlética XXV de Março
Associação Atlética Acadêmica	Enfermagem	Atlética XX de Maio
Associação Atlética Acadêmica	Administração	Atlética Capitalista
Associação Atlética Acadêmica	Direito	Atlética Maníaca

Fonte: LIMA, M. G., 2018.

Em Três Lagoas, as A. A. A.s da UFMS/CPTL dão nomes sugestivos às festas que organizam, como: “Administrando” e “CarnaMed” (Figura 5).

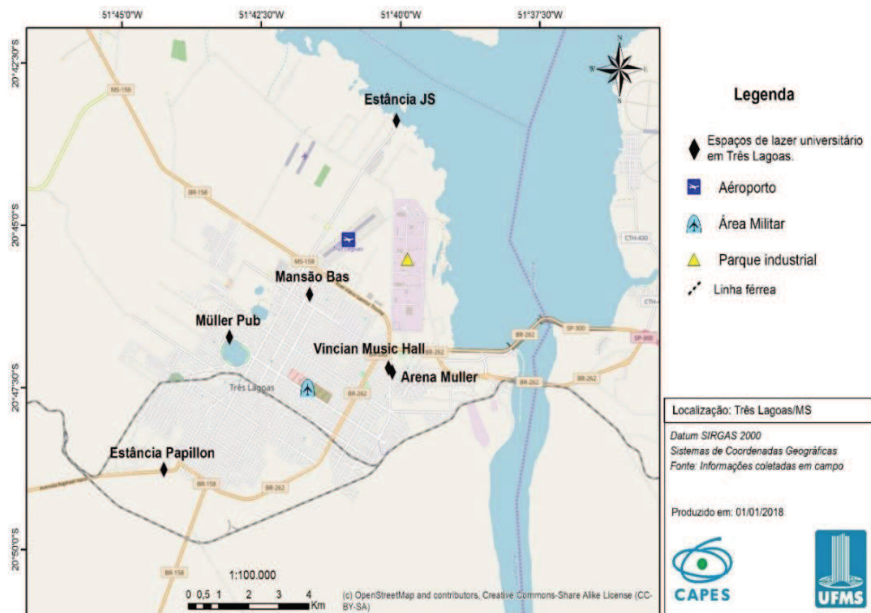
**Figura 5** – Fôlderes das festas “Administrando e “CarnaMed”.



Fonte: LIMA, M. G., 2018.

Essa prática “sugere uma estratégia de marketing focada em explicitar que o sujeito participante terá o livre acesso às bebidas alcoólicas, podendo se embriagar, se assim desejar”, além de fazer um sugestivo trocadilho com o nome do curso, como pontua Lima (2018, p. 81).

Outro aspecto notável é no que se refere à especialização das festas open bar organizadas pelas A. A. A.s da UFMS/CPTL. Essas festas são realizadas em diversos lugares, não se limitam a um único lugar da cidade de Três Lagoas, sendo os principais: a Estância Papillon, a Estância JS, a Mansão Bás, a Vincian Music Hall e a Arena Müller. Na Figura 6, conferimos a representação cartográfica dos locais citados

**Figura 6** – Localização dos lugares que recebem festas open bar com frequência.

Fonte: LIMA, M. G., 2018.

A frequência com que festas são realizadas nos lugares citados é percebida pelos estudantes da UFMS/CPTL, que já se encontram condicionados a frequentar festas nesses lugares. Podemos compreender, dessa maneira, que os estudantes da UFMS/CPTL, a partir de sua identidade em comum – como estudantes universitários – e de suas práticas de lazer compartilhadas, “tornam-se agentes produtores do espaço – no caso o espaço de seu lazer, as festas open bar – imprimindo-lhe a sua territorialidade” (LIMA, 2018, p. 97).

A partir desse pressuposto, compreende-se que a territorialidade comumente se caracteriza por uma relação com valores simbólicos, bem como culturais, que aparecem nas relações que os sujeitos desenvolvem no território. Com o mesmo propósito, Reis (2012) afirma que “podemos inferir que territorialidade configura-se sempre como uma relação baseada, entre outros atributos, em valores simbólicos e/ou culturais”, nas relações e ações “que os indivíduos desenvolvem no território, criando assim um referencial simbólico com o lugar em questão, são ações que constituem a territorialidade de um grupo em relação ao seu território” (p. 14).

Salientamos, ainda, que o território não é e tampouco necessita ser fixo, ou organizado em contiguidade. O território que aqui analisamos é calcado em sua dimensão simbólico-cultural advinda de processos de apropriação do espaço (HAESBAERT, 2009). Nesse prisma, o referido autor afirma que “o território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado”, mas também sob perspectiva de “uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, por que não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva” (HAESBAERT, 2009, p. 41).

A partir de uma identidade em comum, originam-se territórios em rede, “isso é, [organizados] por meio de vários pontos dispersos que se complementam, constituindo o que também se chama circuito” (LIMA, 2018, p. 83).

Quanto aos circuitos, Turra Neto (2008) baseado em Magnani (2005) defende que:

Com relação a circuito, trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial; ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade (TURRA NETO, 2008, p. 475).

Já em relação a território em rede, Corrêa (2005, p. 93) afirma que “é um produto social, historicamente contextualizado, cujo papel crucial é o de, por meio das interações sociais especializadas, articular toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo sua existência e reprodução”

Nesse prisma, Salgueiro (1998, p. 43) sustenta que:

Para muitos indivíduos o espaço de ação não é mais definido pela continuidade territorial; frequentam uma série de lugares, pontos que apenas as práticas de cada um unificam e dão sentido como conjunto. Efetivamente cada vez mais os espaços de ação dos indivíduos são formados por pontos distantes uns dos outros ligados por processos sociais, pelos padrões de vida social organizada em e por meio de determinados locais.

Tratando da construção da identidade dos estudantes universitários, destacamos que as A. A. A.s comercializam “produtos providos de simbolismo com seus logotipos e nomes, que os integrantes das A. A. A.s e alunos dos cursos utilizam” (LIMA, 2018, p. 93).

Hall (2001, p. 53) afirma que os simbolismos relacionados à identidade são constituídos justamente por objetos que explicitam o sujeito como pertencente a um ou outro grupo, ou categoria social, estando nessa relação inserida a condição de pertencimento, que é um fator determinante na identificação do sujeito com seus pares.

Temos como exemplos de produtos providos de simbolismo produzidos pelas A. A. A.s: jaqueta, boné, blusa de moletom e gorro da A. A. A. do curso de medicina e bonés da A. A. A. do curso de Direito (Figura 7).

**Figura 7** – Produtos providos de simbolismo das A. A. A.s da UFMS/CPTL.



Fonte: LIMA, M. G., 2018.

Outra característica identitária das A. A. A.s é expressa por meio de coquetéis alcoólicos, à base de cachaça ou vodca, que são servidos nas festas e que levam nomes sugestivos, que quase não deixam dúvida em relação de qual A. A. A. se trata, como: “Pecado Capital” da A. A. A. do curso de Administração e “Seringa Infernal” da A. A. A. do curso de Enfermagem (LIMA, 2018, p. 104).

Em relação à periodicidade, foi observado que as festas open bar cujas organizadoras são as A. A. A.s da UFMS/CPTL ocorrem durante todo o ano letivo, embora sejam mais frequentes nos inícios e finais de semestres.

Quanto a essa periodicidade, um aluno do curso de Direito e membro da A. A. A. de seu curso afirma que:

No começo do semestre, está todo mundo de boa ainda porque não começaram as provas, ai dá pra sair de boa, não tem que estudar ainda. Por isso que tem mais festas nas duas primeiras semanas de volta as aulas. Tem vezes que chega a ter duas no mesmo dia, tá (sic) todo mundo suave ainda. Só alegria. No fim do semestre, é aquela alegria por ter passado em tudo, mano. Menos pra quem tem que fazer prova substitutiva porque não tirou nota. E no fim do semestre, é outro período que rola bastantes festas. A gente não tem certeza absoluta mas acha que, mano, fim de semestre bem melhor pra sair pra festa do que no meio, né? Tem que saber estudar e festejar [risos] (ESTUDANTE DE DIREITO, 2017).

Em relação a essa dinâmica, Lima (2018) sustenta que:

No período de volta às aulas do primeiro semestre, o câmpus recebe grande número de estudantes recém-admitidos à UFMS, os chamados “bixos” e “bixetes” (termo que designa alunos do primeiro ano de qualquer curso, tem o mesmo significado que calouro(a)). Os bixos e bixetes, recém-inseridos no contexto universitário passam a estabelecer novas conexões e redes de sociabilidade. Nesse sentido, as festas se constituem como instrumento de integração e construção de relações sociais com os outros estudantes (p. 108).

Assim, ir às festas é um instrumento de integração e construção de relações sociais com os outros estudantes, *bixos*, *bixetes* ou veteranos, em horário de não trabalho/estudo.

Nota-se, dessa maneira, que é muito relevantes o papel das A. A. A.s no estabelecimento e manutenção de uma territorialidade universitária, que engloba aspectos identitários e simbolismos, bem como práticas de lazer.

Não entramos no mérito sobre haver, ou não, abuso de bebidas alcoólicas nas festas open bar, pois tal hipótese somente poderia ser levantada e confirmada com base em dados concretos.

Aplicamos, entretanto, questionário, que nos forneceu dados quantitativos quanto à constância com que os estudantes universitários da UFMS/CPTL frequentam festas open bar promovidas por A. A. A.s da referida instituição de ensino superior, bem como a prevalência de consumo de bebidas alcoólicas entre eles.

### **Questionário e representações gráficas**

O questionário foi respondido por 50 estudantes dos seguintes cursos da UFMS/CPTL: Engenharia de Produção, Sistema de Informações, Matemática, Medicina, Enfermagem, Biologia, Geografia, História, Letras, Direito, Pedagogia e Ciências Contábeis. Em relação à idade, os questionados

tem entre 18 e 27 anos e a faixa etária predominante é entre 20 e 22 anos, 64% dos estudantes questionados estão inseridos nesse intervalo etário de dois anos (Figura 8).

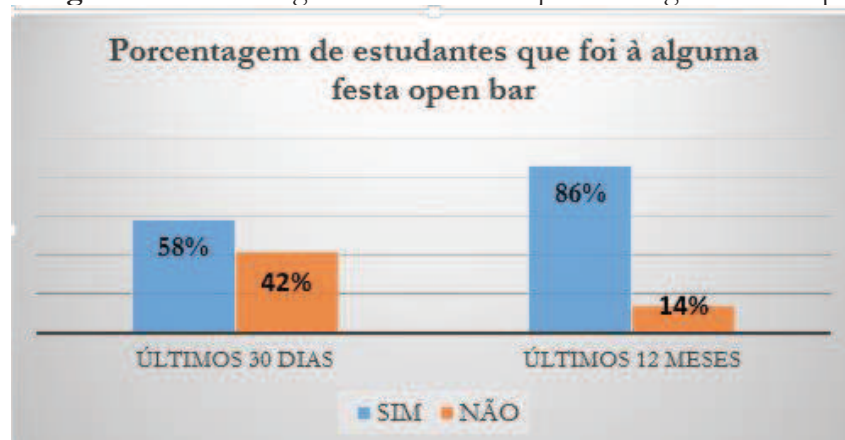
**Figura 8 – Idade dos estudantes questionados.**



Fonte: LIMA, M. G., 2018.

Quando questionados se estiveram em alguma festa realizada por alguma das A. A. A.s da UFMS/CPTL nos 30 dias anteriores à pesquisa, 58% responderam “SIM” e 42% responderam “NÃO” (Figura 9).

**Figura 9 – Porcentagem de estudantes que foi a alguma festa open bar.**



Fonte: LIMA, M. G., 2018.

Observamos que a porcentagem de estudantes questionados que foram a alguma festa open bar aumenta ao se considerar o período de 12 meses anteriores à pesquisa. De acordo com os dados levantados, a maioria dos estudantes questionados foi a alguma festa open bar realizada por alguma A. A. A.s no último ano, embora não necessariamente o tenham feito no último mês.

A diferença entre os que foram a alguma festa nos últimos 30 dias e os que foram a alguma festa nos últimos 12 meses é de 28 pontos percentuais. Dentre os 50 estudantes que responderam o questionário, 86% afirmaram ter ido ao menos a uma festa realizada por alguma das A. A. A.s no último ano, ao passo que 14% não o fizeram.



Quando questionados se consumiram bebida alcoólica alguma vez no período de 30 dias anteriores à pesquisa, 80% dos estudantes responderam “SIM” e 20% responderam “NÃO”, como podemos observar na Figura 10.

**Figura 10** – Estudantes questionados que foram a alguma festa open bar realizada por alguma das A. A. A.s nos últimos 12 meses.



Elaboração: LIMA, M. G., 2017.

Ao se considerar os 12 meses anteriores à pesquisa, observamos que a porcentagem de estudantes que consumiram bebidas alcoólicas aumenta. De acordo com os dados levantados, 90% dos estudantes questionados consumiram bebida alcoólica ao menos uma vez ao longo do último ano, o que demonstra que a maioria dos estudantes não são abstêmios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre a Geografia e outras ciências humanas permite que façamos exercícios de reflexão a respeito de fenômenos sociais e sua espacialização ao longo do tempo. Assim, é primordial a compreensão dos processos inerentes à apropriação e (re)produção do espaço.

Partindo da noção moderna de lazer, fenômeno que teve origem nas sociedades industriais, acessamos um dos principais conceitos da Geografia, o território. Território aqui compreendido não da maneira política tradicional ratzeliana, mas sim sob perspectiva simbólico-cultural (HAESBAERT, 2009), “a qual é inerente à construção identitária dos sujeitos no processo precedente de apropriação e produção do espaço” (LIMA, 2018 p. 158).

Concluimos que, na atualidade, entre os estudantes da UFMS/CPTL, o lazer está atrelado a festas open bar organizadas pelas A. A. A.s. Essa condição, entretanto, é uma tendência que tem se observado entre estudantes universitários nacionalmente na última década, não sendo exclusiva de Três Lagoas.

Pesquisas anteriormente realizadas e que compõem o aporte bibliográfico do presente artigo apontam que, entre os estudantes universitários brasileiros, há grande prevalência de consumo de bebidas

alcoólicas em seus momentos de lazer, hipótese que confirmamos em Três Lagoas, de acordo com dados levantados por meio de questionário aplicado aos estudantes da UFMS/CPTL.

Constatamos, ainda, que o processo de construção identitária dos estudantes universitários e a expressão de sua territorialidade, partem da condição compartilhada de estudantes universitários, o que favorece as chamadas práticas de “integração”, que é a sociabilidade de estudantes universitários materializada em ambiente festivo no qual se encontram outros sujeitos que também são estudantes universitários.

Concluimos, ainda, que a identidade de estudantes universitários é (re)afirmada/exteriorizada pela posse de objetos providos de valor simbólico, como roupas e acessórios que lhes diferenciam de outros grupos sociais. Acrescentamos ainda, que sua territorialidade é delineada pela forma como demonstram apego ao seu território e às relações sociais intrínsecas desenvolvidas em seus momentos de lazer.

## REFERÊNCIAS

- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4º ed. Trad. M. Estevão; R. Aguiar. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- CARRANO, P. C. R. **Os jovens e a cidade**: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Relume Damurá: 2002.
- CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 87-121.
- COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-144, 1998.
- COUTRIM, R. M. E.; CARIOCA, E.; DULCI, F. D. Jovens universitários: Sociabilidades e angústias na transição para a vida adulta. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009, Rio de Janeiro. **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- DAYRELL, J. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2001.
- DIAS, F. C. **Instituições em rede**: O ensino técnico e superior na configuração territorial do Estado de Mato Grosso do Sul. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2016.
- DIÓGENES, G. **Cartografias da Cultura e da Violência**. São Paulo: Anna Blume, 2008.
- FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 77-86.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

- LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018.
- MALAGUTTI, J. P. O Esporte/Festa: uma nova proposta de jogos entre universitários. In VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências dos Esportes, 2014, Matinhos (PR). **Anais do VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências dos Esportes**. Matinhos (PR), 2014.
- MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3.ed. Trad. Carlos A. Silveira. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- OLIVEIRA, G. C. **Gestão Organizacional nas Atléticas: um estudo sobre gerenciamento das Associações Atléticas Universitárias do DF**. Monografia (Bacharelado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. 2ª. ed. Porto: Âmbar, 2005.
- SALGUEIRO, T. B. Cidade pós-moderna: espaço fragmentado. **Inforgeo**, Lisboa, Portugal, v.2, n. 12/13, 1998.
- SAMPAIO, H. **Evolução do ensino superior brasileiro 1808-1990**. São Paulo: Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior, 1991.
- SANTOS, A. P; CERQUEIRA, E. A. Ensino Superior: trajetória histórica e políticas recentes. In: IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, 2009, Florianópolis. **Anais do IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2009.
- SAVIANI, D. A expansão do Ensino Superior no Brasil: mudanças e continuidades. **Póesis Pedagógica**, Goiânia, v. 8. Nº 2, 2010.
- SILVEIRA, J. D. A excursão no ensino de Geografia. **Revista Geografia**, São Paulo, v. 2, nº4, p. 71-73, 1936.
- TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2008.